

O "ex-protestante"

GILBERTO FREYRE

Uma vez por outra surge um comentário inexato ao fato de dos 17 aos 18 anos eu ter sido protestante. Foi minha segunda revolta contra a ortodoxia familiar em que felizmente me criei; e à qual tanto devo. A primeira revolta foi aos 6 anos: fugi de casa. Fuga sem quê nem pra quê. Tanto que eu próprio tomei a iniciativa de voltar aos pais e irmãos e à boa avó Francisca; e também aos brinquedos e ao gato chamado Fidalgo. A saudade deles me reorientou como por mágica. Sem lógica. Como sem lógica fora a fuga.

A segunda revolta contra a ortodoxia familiar foi a aventura protestante. Ou evangélica. Aventura de adolescente inspirada um tanto por Tolstói: sua revolta contra a ortodoxia greco-católica e contra a burguesia russa. Revolta animada por uma interpretação anárquica de Cristo. Fui então no Recife, nesses meus velhos dias, um famoso "menino pregador". Pregador de 17 anos nos bairros mais pobres. Menino dos chamados finos, em contacto com as gentes mais humildes e mais rudes. Amado por essas gentes. Um funileiro tísico morreu nos meus braços deitando sangue pela boca e me pedindo: me fale mais de Jesus. Falei-lhe. Segurou-me a mão para me ouvir melhor. Até que me disse: "Basta, menino, já estou ouvindo música de pancadaria". E morreu.

Um simpático dr. Mário R. Martins publicou há pouco um opúsculo: O Ex-Protestante Gilberto Freyre. Pena que não me tenha ouvido. Eu lhe teria contado coisas talvez de interesse para o seu estudo. Soube ele que, indo do Brasil

para os Estados Unidos, aos 18 anos, a fim de, por conta do meu pai, estudar na Universidade de Baylor — onde já haviam estudado meu irmão Ulisses e outros brasileiros: três Guedes Pereira, Edgar, filho do então senador por Pernambuco, Ribeiro de Brito, José Ermírio de Moraes, todos antigos alunos do Colégio Americano do Recife — frequentei uma igreja protestante próxima da Universidade. É certo. Fui ainda, por uns curtos meses, nos Estados Unidos, protestante. Pensando até em ser missionário não sabia onde: talvez entre os índios do Brasil. Mas — repito — só por uns curtos meses. O que vi de sadismo no tratamento dos negros pelos protestantes brancos — quase assisti a um linchamento, dos então comuns — a rígida divisão, nas próprias igrejas, entre brancos e negros, hipocrisias burguesas — desencantou-me com o protestantismo. Com o que, de algum modo, respondo a carta agora mesmo recebida de jovem e inteligente brasileiro do Espírito Santo que me pergunta: por que não ser protestante?

Não repudiaria de modo algum minha experiência evangélica ou protestante. Nem o que foi para mim o estudo em colégio americano de orientação protestante. Nem o curso que segui, como outros brasileiros, na Universidade Protestante de Baylor, antes da pós-graduação em Colúmbia. Mais sobre o assunto em artigo próximo.

Gilberto Freyre é sociólogo, ex-deputado federal, ex-deputado constituinte (1946), ex-delegado brasileiro à Assembléia Geral da ONU e autor do clássico "Casa Grande e Senzala".

Faixa de São Paulo, 29-III-1981

OMP 2.1 7. 188